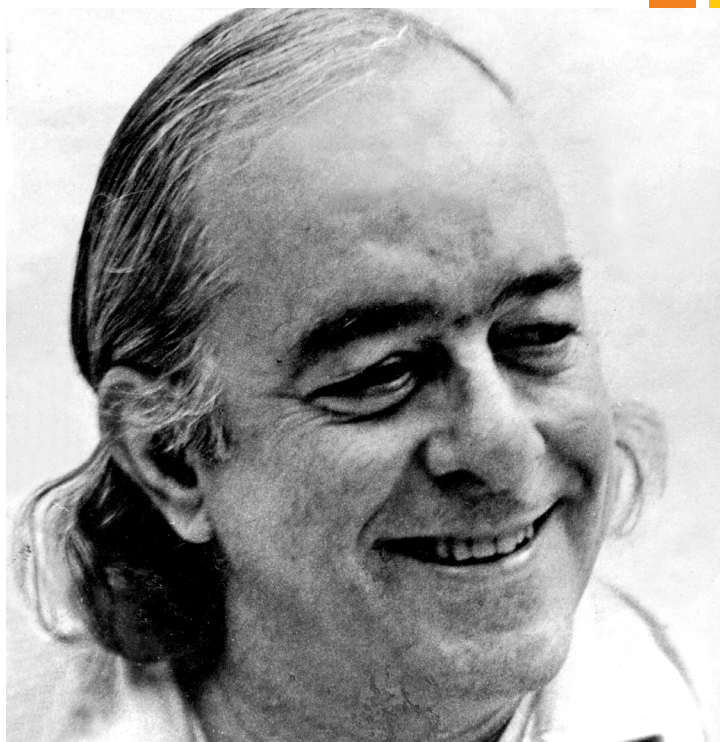


VINICIUS DE MORAES

Por Pedro Paulo Malta

1913 – Em 19 de outubro, nasce Marcus Vinitius da Cruz e Mello Moraes, segundo filho de Lydia e Clodoaldo Pereira da Silva Moraes. Moravam na Rua Lopes Quintas, 114, no Jardim Botânico – que na época não era um bairro, mas uma parte da Gávea (que o poeta considerava seu local de nascimento, seu “bairro amado”). Apaixonado pelo latim, o pai usou a língua predileta como base para batizar também os outros três filhos: Lygia (nascida em 1911), Laetitia (1916) e Helius (1918). Quando nosso personagem fez 9 anos, quis simplificar a certidão de nascimento e foi ao cartório acompanhado do pai e da irmã mais velha, enxugando seu nome para simplesmente Vinicius de Moraes. O nome original do futuro poeta tinha como inspiração o *Quo Vadis*, romance do polonês Henryk Sienkiewicz que havia virado filme em 1912.

Nasceu de madrugada, durante um forte temporal que desabava sobre a Zona Sul. Sentindo fortes dores, Lydia pediu a Clodoaldo que corresse para chamar Filomena, parteira mais famosa das redondezas, mas não houve tempo: o menino nasceu nas mãos da vizinha que acompanhava a parturiente. Mais preocupada com o estado de Lydia, a tal acompanhante se esqueceu de agasalhar o bebê, motivo pelo qual – era o que se dizia na família – o petiz teve bronquite crônica durante a infância. Além de doente, “Vinicius foi feinho em criança”, como escreve Laetitia Cruz de Moraes no texto *Vinicius, Meu Irmão*, publicado como apresentação da coletânea *Vinicius de Moraes – Poesia Completa & Prosa*, pela editora Nova Aguilar (1961). “Moreno, de cabeçorra alongada, olhos verdes, que a tosse fazia congestos e salientes, pescocinho magro e comprido, parecia – diz minha mãe – um passarinho escuro e triste.”



Embora “travessíssimo, arteiro”, dono da “maior coleção de galos” na cabeça e sempre rodeado de muitos amigos (dos quais era sempre o líder), a irmã ressalta que Vinicius não foi exatamente uma criança alegre. Ela destaca o “olhar distante e resoluto” de nosso personagem na infância, sempre dado a reflexões e pensamentos incomuns às outras crianças com que conviviam: “não eram sonhadores os olhos do poeta menino; eram talvez ausentes, mas determinados, como se vissem logo adiante um dever

a cumprir”. Laetitia diz que Vinicius puxou mais ao jeito da família do pai (“gente mansa, de fala doce, bons e absurdamente generosos”), mas aponta que “o amor pela vida” foi herdado do lado materno (que tinha como característica uma “intensa vitalidade animal que se traduz no brilho dos olhos, no viço da pele e do cabelo, na palavra fácil e profusa e no gosto pelas coisas da vida”).

A casa em que nasceu nosso personagem ficava dentro da chácara do pai de Lydia, o coronel Antônio Burlamaqui Santos Cruz, que não seguia carreira militar (era despachante da Prefeitura do Rio), mas tinha recebido a patente devido à forma bruta com que exercia sua autoridade sobre quem estivesse à sua volta. Em seus surtos de raiva, o homenzarrão com porte de gigante quebrava móveis da casa, berrava com voz de trovão e era capaz de atirar empregados pela janela – como fez certa vez com uma mucama que flagrou destratando sua esposa, Celestina. Os maus bofes do patriarca eram compensados pelo alto astral de vó Cestinha (como a mãe de Lydia era chamada pelos netos), exímia pianista sempre encarregada de animar as festas realizadas na chácara, tocando valsas e tanguinhos. Também atuava como acompanhante do marido, quando este punha seu vozeirão assombroso a serviço de canções italianas como *Musica Proibita*, de Paolo Tosti.

A chácara em que Vinicius vive seus primeiros três anos é cheia de atrações: uma estufa de begônias, um galinheiro repleto de faisões, um lago e uma vaca de estimação. No café da manhã, a família se reunia em torno de uma mesa de pedra para comer iguarias colhidas no próprio pomar: carambolas, nêspersas, cajás e frutas-pão – estas fatiadas e assadas no forno a lenha, antes de serem servidas como se fossem torradas, com manteiga. Devido à bronquite, o pequeno Vinicius vivia metido num camisolão branco, que dava a ele um aspecto de anjo.

1916 – Clodoaldo, Lydia e filhos se mudam para a Rua Voluntários da Pátria, 192, em Botafogo, onde passam a viver com os pais de Clodoaldo, Anthero e Maria da Conceição – mais conhecida como vovó Neném. Ele, um avô bondoso, monarquista convicto (contava muitas histórias de D. Pedro II, de quem era fã) e exímio doceiro – seus bons-bocados e quindins eram disputadíssimos pelos netos. Ela, uma avó pequenina, elétrica, sempre pensando nas necessidades de todos os familiares. “Já naquela época, a angústia da liberdade já devia afligir Vinicius”, conta a irmã, segundo a qual o pequeno gostava de fugir para a rua, driblando a intensa vigilância que era montada para cercá-lo: vovó Neném, a mãe, duas tias e as descendentes de escravas que viviam com a família e cuidavam dos serviços domésticos.

A despeito das sucessivas mudanças que a família Moraes faria nos próximos anos, a casa em que Vinicius passou a infância e a adolescência tinha sempre as mesmas características, assim descritas por Laetitia: “de um pavimento só, com porão habitável – ou quase isso –, as janelas abrindo para a rua, área interna e claraboia no corredor”. Era sempre uma “casa velha e ampla”, frequentada pelos “comensais os mais diversos e a todas as horas do dia. Juntem um ou dois cachorros vira-latas e um gato cor de mel; meia dúzia de crioulas na cozinha; um preto velho, remanescente da Guerra do Paraguai, no quarto do quintal, onde um galinheiro exhibe algumas galinhas e um galo batizado com o nome de alguma notabilidade (tivemos um Rui Barbosa e um Isidro Dias Lopes); deem a tudo isso um certo grau de desordem amigável, uma liberdade total de se fazer o que quiser à hora em que se quiser, e terão o ambiente que, de certa forma, moldou e marcou a todos nós e, através de sua sensibilidade maior, mais fortemente a Vinicius”.

Reza a lenda familiar que Vinicius aprendeu a cantar antes de falar – seus primeiros versos, ainda no tatibitate dos bebês, mais se parecem com um ponto de macumba, como lemos no texto de Laetitia: “Ê batetê, ê cabidu, ê batetê, batetê, cabidu...”. A

primeira percepção da música nosso personagem teve com a mãe, que passava horas a fio ao piano, cantando ou tocando seu vasto repertório de foxtotes, valsas e tangos brasileiros (composições de Ernesto Nazareth) ou argentinos. Clodoaldo também se arriscava na música, cantando e se acompanhando do violão nas reuniões musicais que promoviam em casa.

Outros três filhos de vovô Anthero e vovó Neném moravam na mesma casa: a tímida Anayd (a tia Dondon), a severa Aspásia (tia Paija, a que mais paparicava Vinicius) e tio Claudinho, que vivia sendo bajulado pelas crianças, sempre interessadas em acessar sua cômoda. É que nela escondiam-se incontáveis quinquilharias que valiam como tesouros na imaginação das crianças: borrachas gorduchas, raspadeiras, latinhas decoradas, cachimbos e cartões-postais coloridos (com fotos de mulheres nuas!). Claudinho também oferecia moedas de 200 réis aos sobrinhos que lhe coçassem os pés.

Vinicius conviveria também com tios boêmios dos dois lados da família. Há o irmão caçula e temporão de sua mãe, Annibal Santos Cruz, o tio Niboca, que seria lembrado no anedotário familiar por sua atividade de compositor bissexto (chegou a ter um samba, *Diz Que Tem*, gravado por Carmen Miranda) e pela ocasião em que desapareceu e deixou a família em pandarecos, reaparecendo no picadeiro de um circo, contracenando – aos 8 anos – com o palhaço da companhia Olimecha. Apenas seis meses mais velho do que Vinicius, os dois seriam amigos inseparáveis durante a adolescência. Do lado paterno, a encarnação da boemia é Henrique de Mello Moraes, o tio Henriquinho, seresteiro incorrigível, sempre rodeado de mulheres e amigos farristas, como o compositor Bororó – autor de *Da Cor do Pecado* e *Curare*. Doze anos mais velho do que Vinicius, levará o sobrinho para noites memoráveis, como a que passam num bordel em Belo Horizonte em pleno ano de 1926 – com nosso personagem aos 13. Será colega de faculdade de Vinicius e se tornará delegado de polícia.

1917 – A família se muda para a Rua da Passagem, 100, também em Botafogo. Neste ano, Vinicius e Lygia são matriculados na mesma turma da Escola Municipal Afrânio Peixoto, onde cursarão o primário e serão alfabetizados. De cara, o futuro poeta se associa aos meninos mais levados de sua turma, com os quais desbrava todos os recantos da escola, que funcionava num casarão na Rua da Matriz, também em Botafogo, tendo nos fundos um quintal repleto de árvores frondosas.

1919 – A família Moraes se muda, mas permanece em Botafogo: Rua Dezenove de Fevereiro, 127.

1920 – No quarto endereço da família em Botafogo (Rua Real Grandeza, 130), o pequeno Vinicius fisga sua primeira plateia. Foi na sala da casa, onde, sentado ao piano da mãe, deslizava as mãos sobre o teclado e arrancava “oooohs!” dos populares que passavam pela calçada e viam, pelos janelões abertos, o menino gabaritando peças eruditas bastante complicadas para qualquer pianista amador – ainda mais um guri de 7 anos! O que eles não sabiam é que o garoto fingia tocar piano. O que ele “tocava” mesmo era uma pianola, também conhecida como piano mecânico. O instrumento era muito popular no início do século XX e funcionava com um rolo de papel instalado em seu interior, que fazia o piano tocar sozinho peças de Mozart, Bach, Beethoven e outros compositores eruditos.

1921 – Foi por essa época, “beirando os 8 anos”, que Vinicius escreveu seus primeiros versos: “quadrinhas sobre situações e manias familiares”, como escreve Laetitia. “Não eram versos sofisticados”, destaca a irmã, antes de informar que nosso personagem já “seguia instintivamente a métrica e a rima certas”. Aos poucos, Vinicius seguia o caminho de Clodoaldo, que embora sustentasse a família com seu emprego de funcionário público da Prefeitura, gostava mesmo era de escrever poemas. Mas, travado

pela timidez, jamais teve coragem de publicar uma quadrinha sequer, motivo pelo qual seria lembrado sempre como um “poeta de gaveta” ou “poeta inédito”, como Vinicius deixaria registrado no poema *Autorretrato* (feito para o programa *Os Arquivos Implacáveis de O Cruzeiro*, transmitido pela TV Tupi em 1956): “Foi com meu pai, Clodoaldo de Moraes, poeta inédito, que aprendi a fazer versos”. Amigo de Olavo Bilac, Clodoaldo era uma espécie de poeta pós-parnasiano, pós-simbolista, com obsessão permanente pelas rimas. Foi em forma de poema que fez o requerimento de seu emprego à Prefeitura.

1922 – É nesse ano que Vinicius de Moraes encontra sua primeira musa: Maria Cacicimira Cordovil, sua colega na Escola Municipal Afrânio Peixoto. Tratada por todos como Cacy, a menina de cabelos lisos, castanhos e com franjinha é dois anos mais velha que Vinicius, como Lygia – de quem é a melhor amiga. A Cacy o futuro poeta dedica três quadras que escreve num papelzinho datado (Rio, 8/11/1922), com uma dedicatória na qual já assumia a poesia como seu ofício, embora tivesse apenas 9 anos: “Feita pelo poeta Vinicius de Moraes”. Muito tempo depois, ele confessaria (no poema *Elegia na Morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, Poeta e Cidadão*, escrito em 1950) que os versos dedicados à primeira musa tinham sido roubados da gaveta do pai. Vinicius acabaria magoando Cacy ao trocá-la por outra menina da turma, Yeda, filha de D. Zuleika, professora da escola. Já Lygia gostava de Caio, mas Vinicius vivia tentando empurrá-la (sem sucesso) para o magricelo Delfino, de quem recebia cola nas provas de Matemática – matéria responsável pela parte mais vermelha de seu boletim.

Também em 1922, D. Lydia tem um tumor benigno extraído da bexiga e os médicos recomendam que tome muitos banhos de mar e se afaste do agito da cidade. Com isso, Clodoaldo aluga uma casa na Ilha do Governador (Praia de Cocotá, 109-A), onde vai morar com a esposa e os dois filhos mais novos. Lygia e Vinicius seguem vivendo com os avós paternos (que agora moram na Rua Voluntários da Pátria, 195, também em Botafogo), para que não precisem deixar de frequentar a Escola Municipal Afrânio Peixoto. Para os dois irmãos que ficam no continente, a longínqua e paradisíaca Ilha do Governador – que naquela época era acessível apenas de barca, sem ponte fazendo a ligação com a terra firme – será o lugar de passar as férias e fins de semana.

Mas nem por isso as lembranças serão menos marcantes para nosso personagem. Como as braçadas que deu de ponta a ponta na Praia de Cocotá, na manhã em que aprendeu a nadar por conta própria. Como a pesca de siri, que durante as noites acompanhava com os irmãos. Como as incursões que faziam à casa mal-assombrada da Praia do Barão. Como as brincadeiras de luta na areia com os meninos da Ilha, das quais quase sempre saía machucado, mas com honra. Como os tipos curiosos que jamais teria conhecido na Rua Voluntários da Pátria: o bêbado português que recitava versos e dormia largado sobre o cais e o mergulhador Maninho, que arrancava os peixes das tocas com as mãos. Como seus primeiros amigos ilhéus, os gêmeos Quincas e Mário, que o elegeram líder e arregalavam os olhos para as histórias fantásticas que nosso personagem inventava (a preferida de Vinicius era a de que tinha testemunhado uma aparição da Virgem Maria).

E foi na Ilha do Governador que o aprendiz de poeta teve as primeiras experiências mais intensas com as mulheres, como o biógrafo José Castello (no livro *Vinicius de Moraes – o Poeta da Paixão*) decifrou por meio dos poemas de nosso personagem. Já não se trata do amor pueril das namoradinhas da escola, como se pode ler num trecho do poema *Marina*, que seria publicado no livro *Poemas, Sonetos e Baladas*, de 1946: “Tinhas uns peitinhos duros / E teus lábios escuros / Flauteavam valsas”. Marina era irmã dos amigos gêmeos de Vinicius, todos filhos da mesma família de pescadores que moravam ao lado de Clodoaldo e Lydia. A primeira experiência de amor carnal se daria aos 15 anos (1928/29), também na Ilha, com Rosário – mulata opulenta que tinha

seus 20 anos. Assim como a musa do primeiro beijo, esta também inspirou Vinicius, que publicou *Rosário*, no mesmo *Poemas, Sonetos e Baladas*: “E eu que era um menino puro / Não fui perder minha infância / No manguê daquela carne!”.

1924 – Começa a cursar o ginásio no Colégio Santo Inácio, na Rua São Clemente, em Botafogo. Participa de atividades artísticas, como aluno do curso de teatro e integrante do coro da escola – entoando hinos como a *Ave Maria*, *Panis Angelicus* e *Queremos Deus*. Entre seus amigos mais próximos está Renato Pompeia da Fonseca Guimarães, com quem escreve o poema a quatro mãos *Os Acadêmicos*, épico em dez cantos de inspiração camonianiana.

1927 – Vinicius tem 14 anos quando forma, com os irmãos Haroldo e Paulo Tapajós, um conjunto para se apresentar nas casas de amigos e em festas no Colégio Santo Inácio. É com os dois que, no ano seguinte, assinará suas duas primeiras composições, ambas como letrista: *Loura ou Morena* (com Haroldo) e *Canção da Noite* (com Paulo), lançadas em disco no início da década de 1930. Por essa época, intensifica sua produção de poemas, com os descritivos *Sacco e Vanzetti* e *Compra Lícita* e o irônico *Enigma*, sátira à disciplina religiosa. Incentivado pelos colegas, reúne alguns destes poemas iniciais e leva ao poeta João Lira Filho, que lhe dá sua impressão: “Busque seu talento em outro lugar”. É também nesta segunda metade da década de 1920 que nasce sua paixão pelo cinema – é fã especialmente dos filmes de Charles Chaplin, a cujas sessões de exibição assiste sem piscar. Certa vez, convida o avô Anthero para acompanhá-lo numa dessas sessões e, diante da negativa do velho, pergunta se ele não gosta de cinema. “Não acredito em cinema”, diz o velho, para o incrédulo Vinicius.

1930 – Aos 17 anos incompletos, Vinicius entra para a Faculdade de Direito do Catete. A paixão pelo cinema aproxima nosso personagem de seus amigos de primeira hora na faculdade: os ex-alunos do Colégio Zaccaria – também no Catete – Plínio Süsskind Rocha (estudante de Engenharia), Cláudio Mello (estudante de Medicina) e Octávio de Faria (futuro romancista). A eles se junta também Almir de Castro, com o qual fundam, na casa de Cláudio Mello, o primeiro Chaplin Club da América do Sul. Debatem mais do que assistem a filmes e, por fim, decidem editar uma revista artesanal chamada O Fã. Custava quatro vezes o preço de capa de um jornal diário, mas, ainda assim, rendeu oito edições, vendidas nas principais bancas do Centro do Rio.

Participa das atividades do Centro Acadêmico Jurídico Universitário (o Caju), onde se dão os principais debates políticos entre os alunos da faculdade. Antimodernistas e antimarxistas, os jovens aprendizes da advocacia se identificam com a direita, que, como observa o biógrafo José Castello (*Vinicius de Moraes – o Poeta da Paixão*), estava “na moda, seja pelo viés nacionalista, pela influência da renovação católica, seja, mais radicalmente, pela adesão inflamada aos princípios do integralismo”. Recém-chegado da Europa, quem faz palestra aos jovens do Caju é o então escritor e jornalista (e futuro político) Plínio Salgado, maravilhado com os ideais pré-fascistas que conhecera na Itália e que desembocariam na criação da Ação Integralista Brasileira. A própria carreira literária de Octávio de Faria – futuro membro da Academia Brasileira de Letras – começa por dois manifestos simpáticos ao fascismo: *Maquiavel e o Brasil* (1931) e *Destino do Socialismo* (1933).

Cinco anos mais velho do que Vinicius, o “sedutor”, “feio e inflamado” Octávio de Faria – adjetivos escritos por José Castello – exercia liderança sobre os integrantes do Caju, em especial nosso personagem, que o considerava dotado de uma “inteligência superior”, como confessou ao amigo Américo Jacobina Lacombe. É dessa convivência com Octávio, Lacombe e outros que o futuro poeta levará os principais ensinamentos dos tempos de Caju. Aprenderá bem mais nas conversas de bar no entorno da Faculdade do que nas salas de aula. Será de Lacombe, aliás, que Vinicius receberá o segundo conselho (após João Lira Filho) para não seguir a carreira de poeta.

1932 – Saem as duas primeiras gravações de músicas assinadas por Vinicius de Moraes, ambas gravadas pelos irmãos Tapajós num disco de 78 rotações da Columbia: *Loura ou Morena* no lado A, *Doce Ilusão* no lado B, as duas em parceria com Haroldo.

1933 – No mesmo ano em que conclui o curso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), iniciado em 1931, publica seu primeiro livro, estimulado por Octávio de Faria: *O Caminho para a Distância*, pela Schmidt Editora, com 40 poemas.

Mais seis exemplares da primeira fornada de composições de Vinicius – todos eles foxtrotes gravados por Paulo Tapajós – são lançados em disco nesse ano, pela Columbia. Dois em parceria com o próprio Paulo (*Honolulu* e *Canção da Noite*) e quatro com Haroldo Tapajós: *Diga, Moreninha*; *O Beijo Que Você Não Quis Dar*; *Nosso Amor de Criança*; e *Namorado da Lua*.

1935 – Passadas as primeiras namoradas e experiências com mulheres, é neste ano que se dá a primeira paixão de Vinicius de Moraes, tendo como alvo a bela Antônia – moça de uma família tradicional de Barretos (SP), aluna de piano e solfejo. Inicia-se um vaivém de nosso personagem entre Rio e São Paulo, para visitar a namorada – sempre acompanhado da irmã Lygia, que embora já casada, não podia deixar de ajudar o irmão, fazendo o papel de “pau de cabeloira”. “Poetas não têm futuro!”, brada o pai da moça, encerrando ali o primeiro grande amor de Vinicius, que dedicou a Antônia os poemas *A Infância do Poeta* e *Patético*. Sofre horrores.

Também em 1935 lança seu segundo livro, *Forma e Exegese* (Editora Irmãos Pongetti), dedicado a Jean-Arthur Rimbaud e Jacques Rivière. Pela publicação recebe o prêmio Felipe d'Oliveira, que rende ao autor cinco contos de réis.

1936 – Pela Editora Irmãos Pongetti, Vinicius lança seu terceiro livro, contendo um único poema, que dá título à publicação: *Ariana, a Mulher*. É também nesse ano que nosso personagem conhece Prudente de Moraes Neto, quem substitui como representante do Ministério da Educação junto à Censura Cinematográfica – cargo que ocupa “para exibir sua assinatura ao pé do certificado oficial que antecede as projeções, pois jamais censurará filme algum”, como conta José Castello em *Vinicius de Moraes – o Poeta da Paixão*. Graças à amizade com Prudente, nosso personagem sai um pouco do universo das rodas literárias e passa a frequentar o samba, aproximando-se de personagens como o compositor Ismael Silva, com quem passa a caminhar pelo Centro, com visitas esporádicas ao Café Nice, na Galeria Cruzeiro.

1938 – Lançamento de *Novos Poemas*, quarto livro de Vinicius de Moraes, pela José Olympio Editora.

Em agosto, viaja para Oxford (Inglaterra), para estudar Língua e Literatura Inglesa no Magdalen College, com bolsa de estudos do Conselho Britânico. Morando num prédio que mais parecia um castelo gótico, se aprofunda em Shakespeare e produz muito. Troca muitas correspondências com a namorada Beatriz Azevedo de Mello, a Tatí, com quem se casaria no início de 1939, por procuração e às escondidas – porque a bolsa de estudos era destinada a rapazes solteiros. Por conta disso, Tatí se hospeda em Londres, quando viaja para visitar o marido. É lá que os dois se encontram durante a estada inglesa de Vinicius e têm as primeiras discussões sobre suas visões de mundo: ela não admite o posicionamento político do poeta, que nutre uma “admiração secreta, mas sólida, pelo integralismo e pelos alemães” (como escreve José Castello na biografia *Vinicius de Moraes – o Poeta da Paixão*). Dois anos mais novo do que Tatí, Vinicius teria dois filhos com ela: Susana (1940) e Pedro (1942).

1939 – Vinicius e Tatí visitavam Paris quando souberam, por jornaleiros que gritavam pelas ruas, da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Sem poder voltar à Inglaterra,

seguem para Lisboa, onde teriam que aguardar 45 dias até voltar ao Brasil. Nesse período, nosso personagem escreve o famoso *Soneto de Fidelidade*, dedicado a Tatí. Desembarcam no Rio no fim do ano.

1942 – No começo do ano, é aprovado no Itamaraty. Nesta segunda tentativa (a primeira foi em 1940), redobrou os estudos e passou a ter aulas de Português com Antônio Houaiss. Sua nomeação, no entanto, só sai em dezembro de 1943. Antes disso, convoca a intelectualidade brasileira, por meio de textos publicados no jornal A Manhã, a debater sobre o cinema mudo e o cinema falado – toma partido da primeira modalidade, angariando manifestações de apoio (como do crítico austríaco Otto Maria Carpeaux) e opositores (como o escritor Aníbal Machado, seu amigo).

1943 – Vinicius publica pela Editora Irmãos Pongetti seu quinto livro, *Cinco Elegias*, escrito entre Itatiaia, Oxford, Rio e Londres. É requisitado pelo escritor americano Waldo Frank, socialista convicto e estudioso da América Latina, para acompanhá-lo numa viagem pelo Norte e pelo Nordeste do Brasil. A jornada dura 40 dias, durante os quais percorrem um roteiro que inclui Recife, Salvador e Manaus. O contexto de miséria que vê de perto faz da viagem um momento determinante na vida de Vinicius. “Saí do Rio um homem de direita e voltei um homem de esquerda”, escreveria o futuro autor dos afrossambas, que em Salvador conheceu o acarajé, o vatapá, o caruru e a capoeira. Também a poesia de nosso personagem se transforma após a jornada com Waldo Frank, como observa o escritor Carlos Augusto Calil, na coletânea *O Cinema dos Meus Olhos*: “Vinicius desce do altar, no qual celebrava a poesia do sublime, e se reconhece no mundo dos homens – e das mulheres! – onde caminha ao encontro do cotidiano”.

1944 – Em novembro, publica crônicas em O Jornal, onde dirige o suplemento literário.

1945 – Em abril, passa a escrever no Diário Carioca. Logo depois, assina textos também em Diretrizes, revista de esquerda que critica o governo Vargas. Em 2 de novembro, sofre desastre aéreo que o fará ter medo de avião pela vida toda. O acidente se deu num hidroavião francês – um Latécoère 631 – que fazia o voo inaugural Rio-Buenos Aires. Vinicius era um dos intelectuais convidados para o voo (como Aníbal Machado e Moacyr Werneck de Castro, que estavam a bordo, e Portinari, Drummond e Fernando Sabino, que haviam recusado o convite). Uma pane súbita fez com que o piloto tivesse que improvisar um pouso brusco numa laguna uruguaia. Durante a manobra, uma pá da hélice se soltou e invadiu a fuselagem, matando um passageiro.

1946 – Deixa a mulher e os filhos para viver um relacionamento fugaz com a carioca Regina Pederneiras, 23 anos, arquivista do Itamaraty, com quem vinha namorando às escondidas e se tornaria sua segunda esposa – contra a vontade de todos: a família da moça, a própria família e os amigos de Vinicius. Em sua primeira viagem para assumir um posto diplomático, vai morar em Los Angeles (EUA), onde passa cinco anos, no posto de vice-cônsul. Findo o casamento com Regina (que abandona o poeta pouco mais de um ano após o enlace), reata com Tatí, que embarca para Los Angeles com os filhos Susana e Pedro. Juntos, frequentam a casa da cantora Carmen Miranda, em Beverly Hills. Na estada norte-americana, torna-se amigo do violonista Laurindo de Almeida, estreita os laços com o crítico de cinema Alex Viany e conhece o cineasta Orson Welles. Vira fã de Louis Armstrong. Só voltaria ao Brasil em 1951.

O ano de 1946 é marcado também pelo lançamento – pela Editora Gaveta (São Paulo) – do livro *Poemas, Sonetos e Baladas*, sexto de Vinicius de Moraes. Entre os poemas publicados estão pelo menos quatro clássicos de nosso personagem: *Soneto de Fidelidade* (“De tudo, ao meu amor serei atento”), *O Dia da Criação* (“Porque hoje é sábado”), *Soneto de Separação* (“De repente do riso fez-se o pranto”) e *Apelo* (“Ah, meu

amor não vás embora”), que viraria samba ao ser musicado por Baden Powell.

1949 – Sai o livro-poema *Pátria Minha*, sétimo de Vinicius, numa edição de 50 exemplares, feita pelo poeta João Cabral de Melo Neto em sua prensa manual, quando morava em Barcelona, na Espanha. Anos depois, no dia seguinte à promulgação do Ato Institucional nº 5, em 1968, o poema saudosos seria declamado por Vinicius num show em Portugal.

1950 – Em 30 de julho, recebe por telefone a notícia da morte de seu pai. Em seguida, escreve o poema *Elegia na Morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, Poeta e Cidadão*.

1951 – De volta ao Rio após cinco anos nos EUA, casa-se com Lila Maria Esquerdo e Bôscoli, sua terceira esposa, com quem tem duas filhas: Georgiana (1953) e Luciana (1956). “É a experiência primeira do amor extremo, em que o homem busca uma mulher não para se encontrar, mas para se perder”, define o biógrafo José Castello em *Vinicius de Moraes – o Poeta da Paixão*. Aos 21 anos, a moça é irmã do então jornalista Ronaldo Bôscoli (futuro letrista da bossa nova) e bisneta da maestrina Chiquinha Gonzaga. No jornal Última Hora, mantém por um ano uma coluna sobre cinema.

1953 – Vinicius é convocado pelo jornalista Samuel Wainer para ser colaborador do recém-criado semanário Flan: caberá ao poeta responder o correio sentimental. Assinando a coluna, criada em abril, como Helenice, responde às cartinhas de leitoras aflitas com seus maridos ou pretendentes problemáticos (a coluna é suspensa em novembro e só retomada em março do ano seguinte, mas assinada por Suzana Flag, pseudônimo de Nelson Rodrigues). Em maio, passa a assinar (com seu nome verdadeiro), no mesmo suplemento, a coluna Diz-Que Discos, sobre as novidades do mercado fonográfico. Na mesma época, atua ainda como colaborador da revista A Vanguarda, dirigida pelo poeta João Cabral de Melo Neto.

Também em maio, a cantora Aracy de Almeida lança pela gravadora Continental o samba-canção *Quando Tu Passas por Mim*, parceria de Vinicius e Antônio Maria. É o primeiro samba composto por nosso personagem, que até então era apenas um poeta, cronista e diplomata que tinha se aventurado em raras composições no começo dos anos 30. No ano seguinte, os dois amigos reeditam a parceria e fazem *Dobrado de Amor a São Paulo*, nos mesmos moldes do samba-canção do ano anterior: Vinicius fazendo a música e Maria, a letra.

E foi na companhia de Antônio Maria que, também em 1953, Vinicius conheceu Tom Jobim no Clube da Chave. Logo que entraram no bar – localizado na esquina da Avenida Atlântica com a Rua Francisco Otaviano, em Copacabana –, Vinicius se impressionou com o piano de Tom, que tocava o samba-canção *Tão Só* (Dorival Caymmi e Carlos Guinle). Também nesse ano, muda-se para Paris, onde vive até o início de 1956, como segundo-secretário da Embaixada do Brasil na França.

1954 – Ano do lançamento de *Antologia Poética*, oitavo livro de Vinicius, pela Editora A Noite. Entre os 126 poemas reunidos, a maioria é republicação dos livros lançados anteriormente pelo poeta. Há também alguns lançamentos, como os emblemáticos *A Rosa de Hiroshima* (relançada como canção em 1973, com música de Gerson Conrad e gravação de Ney Matogrosso) e *Poética* (“De manhã escureço / De dia tardo / De tarde anoiteço / De noite ardo”), este segundo escrito durante uma passagem por Nova York, em 1950. Também é deste livro o *Poema Enjoado*, que traz uma das *tiradas* mais conhecidas do poeta: “Filhos... Filhos? / Melhor não tê-los! / Mas se não os temos / Como sabê-los?”.

1955 – Em Paris, Vinicius faz letras para 13 canções de câmara compostas pelo ma-

estro amazonense Cláudio Santoro – das quais seis ainda permanecem inéditas. E é durante esta temporada parisiense que escreve a peça *Orfeu da Conceição* (adaptação do mito grego de Orfeu para uma favela carioca), cuja realização, no ano seguinte, desencadearia uma série de transformações na música popular brasileira e em sua própria carreira.

1956 – No início do ano, Vinicius e Tom são apresentados novamente, agora pelo pesquisador e cronista Lúcio Rangel, na Casa Villarino, no Centro. Desta vez, o encontro tem um objetivo claro: fazer de Tom o parceiro que Vinicius procurava para fazer as músicas da peça *Orfeu da Conceição*. “Tem um dinheirinho nisso?”, perguntou Tom, para espanto de Lúcio Rangel, que acabaria sendo padrinho da parceria que estava para nascer – ironicamente, também seria posteriormente um dos maiores críticos da bossa nova. Vinicius já tinha convidado para a empreitada o pianista Vadico (o paulistano Osvaldo Gogliano, parceiro de Noel Rosa), mas este tinha dado resposta negativa, alegando problemas de saúde.

A primeira fornada de composições foi feita em duas semanas, entre maio e junho desse ano, quando surgiram *Lamento no Morro*, *Eu e o Meu Amor*, *Um Nome de Mulher*, *Sempre Mulher* e *Se Todos Fosse Iguais a Você* – esta última considerada oficialmente a primeira criação da dupla, como descreve o escritor Sérgio Augusto no *Cancioneiro Vinicius de Moraes – Songbook Orfeu*: “Enfurnados no apartamento de Tom, na Rua Nascimento Silva, em Ipanema, compuseram de saída dois ou três sambas que foram direto para a lata de lixo”. Colaborou para a produtividade dos dois o método traçado: “Tom dedilhava o tema no piano, Vinicius rascunhava a letra, mais atento à métrica que ao conteúdo, e depois a burilava longe das vistas do parceiro”. A estreia de *Orfeu da Conceição* se deu em 25 de setembro, no Theatro Municipal. No fim do ano, nosso personagem retorna a Paris, onde permanece até fins de 1957, quando volta ao Brasil via Montevidéu.

Juntamente com o nascimento da nova dupla de compositores, *Orfeu da Conceição* marca o nascimento, aos 42 anos de idade, do Vinicius de Moraes letrista. Ele até já tinha escrito versos em parceria com os irmãos Tapajós (fim da década de 1920), Antônio Maria e Paulo Soledade (primeira metade da década de 1950), mas sempre como uma atividade paralela e bissexta, nem perto de ameaçar a carreira de poeta, crítico de cinema e, depois, diplomata. Agora, não: a partir de *Orfeu*, Vinicius entra de vez para a música popular, deixando em segundo plano uma consolidada carreira de autor de “poemas que as pessoas logo decoravam”, como destaca o jornalista e escritor Ruy Castro (na coleção *Folha, 50 Anos de Bossa Nova*, fascículo 3). “Nenhum outro poeta brasileiro era tão querido pelas massas e admirado pelos eruditos.”

A vasta bagagem da poesia é o segredo para a revolução que se dá na música popular a partir do surgimento deste novo Vinicius, como define o biógrafo José Castello: “O letrista Vinicius de Moraes vem, com seu *Orfeu da Conceição*, enterrar o lirismo barato e carcomido para pôr em seu lugar um novo tipo de lirismo, afinado com a nova bossa que começa a surgir. Provoca, com isso, uma revolução na qualidade das letras da MPB. A partir daí, a história das letras em nossa música popular se divide, sem qualquer exagero, entre o Antes-de-Vinicius e o Depois-de-Vinicius. O poeta, ao emprestar seu coração à música, se transforma numa fronteira”.

1957 – Vinicius lança o *Livro de Sonetos*, nono de sua obra literária, pela editora carioca Livros de Portugal.

1958 – Casa-se com Lucinha (Maria Lúcia Faria de Proença), sua quarta esposa, musa da crônica *Para Viver um Grande Amor*. É apontada pelo biógrafo José Castello como o grande amor da vida de nosso personagem, que ainda era casado quando co-

meçou a namorar a moça, em Paris. Aos 30 anos, Lucinha deixou marido e filho para morar com o poeta em Montevideu.

Em maio, a cantora Elizeth Cardoso lança o disco de 10 polegadas *Canção do Amor Demais*, todo de composições de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Nos sambas *Chega de Saudade* e *Outra Vez*, o vozeirão da “Divina” é acompanhado pelo violão de João Gilberto: um violão enxuto, com uma batida que se assemelhava à de um tamborim. Segundo Ruy Castro, no livro *Chega de Saudade*, a primeira ideia era que o disco fosse gravado por Dolores Duran, mas esta pediu alto demais para a pequena gravadora Festa e acabou substituída por Elizeth, que seria citada anos mais tarde na letra descritiva de *Carta ao Tom 74* (Vinicius e Toquinho): “Rua Nascimento Silva 107 / Você ensinando pra Elizeth / As canções de *Canção do Amor Demais*”. Nestes ensaios, João tentou sugerir que Elizeth arriscasse um canto mais enxuto, menos derramado, mais moderno. Tudo em vão. *Canção do Amor Demais* acabou sendo um disco de transição entre o samba tradicional e o novo samba que surgia.

Em 10 de julho, João Gilberto acaba tendo a oportunidade de gravar do seu jeito o mesmo *Chega de Saudade*, lançado em disco de 78 rotações (com o baião *Bim-Bom*, de João, no lado B), em meio às comemorações da conquista da primeira Copa do Mundo pela seleção brasileira, na Suécia. O disco trazia, além do violão batucado, outra bossa nova de João: o “jeito inovador” de interpretar o samba, também enxuto, dizendo a letra à Mario Reis e fazendo uma divisão – ora atrasando o canto em relação ao ritmo, ora adiantando – que valorizava o telecoteco do samba. Até o fim do ano, o 78 rotações de *Chega de Saudade* venderia 15 mil cópias, surpreendendo os executivos da Odeon.

O disco é considerado o marco inicial da bossa nova, movimento que teria Vinicius em sua base. Suas letras de amor repletas de ternura, esperança e coloquialismo – no lugar da verborragia e do fatalismo típicos do samba-canção – somavam-se às contribuições fundamentais de Tom Jobim e do próprio João Gilberto. Um dos principais indicadores do sucesso daquela estética seria a vendagem inicial (35 mil cópias!) alcançada pelo LP *Chega de Saudade*, lançado por João no ano seguinte, com arranjos de Tom, na gravadora Odeon. Entre as 12 músicas do repertório, o disco lançava outro samba de Tom e Vinicius: *Brigas Nunca Mais*.

O enorme sucesso de *Chega de Saudade* foi fundamental para consolidar nosso personagem como grande letrista popular. A rima de “peixinhos” com “beijinhos” pode não ter caído bem no meio literário, mas ele não estava nem aí. Sabia que tinha acertado em cheio na medida daquela letra de amor: sem perder a ternura, Vinicius zerou os vícios empolados que vigoravam em versos românticos da época. Mais: dialogando com a música escrita por Tom Jobim, cobriu de lamúrias a primeira parte (melodia em tom menor) e deixou a esperança para a segunda (tom maior), sinalizando a mudança de clima logo após a modulação.

Também em 1958, Tom e Vinicius compõem a canção *Eu Sei Que Vou Te Amar*, um dos maiores sucessos da parceria.

1959 – Vinicius lança seu décimo livro, *Novos Poemas (II)*, pela Livraria São José. Entre os destaques estão o *Poema dos Olhos da Amada* e *Receita de Mulher*, primeiro do livro, que começa com uma de suas frases mais conhecidas: “As muito feias que me perdoem / Mas beleza é fundamental”. Baseado na peça *Orfeu da Conceição*, o filme *Orfeu Negro*, do diretor francês Marcel Camus, conquista a Palma de Ouro em Cannes e o Oscar de melhor filme estrangeiro.

1960 – Atendendo ao convite do presidente Juscelino Kubitschek, Vinicius e Tom embarcam em junho para Brasília, onde passam dez dias hospedados no Catetinho (sede

provisória do governo) e compõem *Brasília, Sinfonia da Alvorada*.

1961 – Depois das primeiras composições com Tom Jobim, o início da década de 1960 é marcado pelo começo da produção de Vinicius com outros dois grandes parceiros de sua obra: Carlos Lyra e Baden Powell. As fontes de pesquisa não precisam quando se deu o início das parcerias, mas, pelas referências bibliográficas, nosso personagem já estaria fazendo letras para os dois compositores neste ano.

Primeiro, foi o violonista, cantor e compositor Carlos Lyra, que àquela altura era um dos principais nomes entre os novos valores surgidos na primeira fase da bossa nova: já compunha com Ronaldo Bôscoli e Roberto Menescal e tinha músicas gravadas nos primeiros dois LPs de João Gilberto. Foi justamente com João que Lyra conseguiu o telefone de Vinicius e ligou, dizendo-se interessado nas suas “letrinhas”. Cativado pelo diminutivo, o poeta convidou o violonista para seu primeiro encontro de trabalho, no apartamento em que vivia com Lucinha Proença, no Parque Guinle (Laranjeiras). Diante de um gravador, Lyra mostrou suas músicas e foi dispensado pelo poeta, meio decepcionado, mas com a promessa de que suas melodias ganhariam versos “em uma semaninha”. Dito e feito: dali a sete dias, Lyra voltou ao apartamento do Parque Guinle e ouviu, boquiaberto, as dez letras que Vinicius tinha feito para seus sambas. A primeira mostrada foi o samba *Você e Eu*.

A partir de então, passou a visitar o parceiro com frequência, sempre munido de novas melodias, que eram mostradas ao poeta e registradas no gravador. Numa dessas visitas, Vinicius percebeu que as melodias de Lyra sugeriam uma “comedinha musical”. Para que a peça nascesse em paz, propôs ao “parceirinho” (como ele se dirigia a Lyra) de subirem a serra de Petrópolis, para a casa de Lucinha Proença. Pois foi lá, onde o poeta costumava receber os amigos e varar madrugadas regadas a uísque, que a “comedinha” tomou forma e recebeu o título de *Pobre Menina Rica* – peça que só seria encenada em 1991 (na casa de espetáculo Scala, no Rio), mas que teria sua trilha sonora reunida num LP gravado por Lyra e a cantora Dulce Nunes em 1964, pela CBS. Fazem parte do repertório de *Pobre Menina Rica* alguns clássicos de nosso personagem, como *Sabe Você, Primavera, Maria Moita e Samba do Carioca*.

Foi por essa época que Vinicius começou a compor também com Baden Powell, que conheceu em 1960, na boate Arpège, onde tinha ido assistir a um show de Tom Jobim e Ary Barroso. O violonista era músico do conjunto que se apresentava após a atração principal da noite e prendeu a atenção do poeta, com quem conversou e bebeu até o amanhecer. Marcaram um segundo encontro no bar do Hotel Miramar, em Copacabana. Vinicius mostrou a marcha-rancho que fizera em cima de *Jesus, Alegria dos Homens* (Bach) e Baden apresentou duas composições instrumentais que trazia na bagagem – que logo seriam letradas pelo poeta e virariam *Cantiga de Ninar Meu Bem* e *Sonho de Amor e Paz*.

Os encontros seguintes se deram no apartamento no Parque Guinle. Foi na residência de nosso personagem que os parceiros, trancados por 90 dias, compuseram sua primeira fornada de sambas, entre eles *Consolação, Samba em Prelúdio, Labareda, O Astronauta, Berimbau* e quase todos os afrossambas. Segundo José Castello, Baden passou três meses dormindo no sofá da sala e os dois compunham juntos, “com persianas abaixadas e uísque de manhã à noite”. Dominique Dreyfus conta em *O Violão Vadio de Baden Powell* que o violonista, com preguiça de retornar a Olaria, onde morava, foi ficando na casa do parceiro, de onde não saiu antes que compusessem seus primeiros 25 sambas. Passada a temporada, Vinicius internou-se para um período de desintoxicação na Clínica São Vicente (Gávea), onde compôs com Baden *Amei Tanto, Pra Que Chorar e Samba da Bênção*.

1962 – Em agosto, participa do show *Encontro*, na boate Au Bon Gourmet (Copacabana), ao lado de Tom Jobim, João Gilberto e Os Cariocas. Durante a temporada de 41 dias, sempre com casa cheia, foram lançados alguns dos maiores sucessos de Vinicius, como *Garota de Ipanema*, *Só Danço Samba*, *Samba da Bênção* e *O Astronauta*. Marcado para meia-noite, o espetáculo nunca começava na hora, sobretudo pela imp pontualidade de João Gilberto – que depois de um tempo passou a ser pego em casa pelo Cadillac de Flavio Ramos, dono da casa. Nosso personagem precisou de permissão oficial do Itamaraty para participar do espetáculo, que, para Ruy Castro, “foi, provavelmente, o maior momento da bossa nova no Brasil”. Também por causa do cargo diplomático, Vinicius se apresentava de terno e não podia receber cachê.

Sai pela Philips o LP *Depois do Carnaval – O Sambalanço de Carlos Lyra*, no qual é lançada a *Marcha da Quarta-Feira de Cinzas* (parceria com Vinicius), gravada pelo próprio compositor, uma letra de amor que, dali a dois anos (ao ser regravada por Nara Leão), daria a impressão de ter sido feita sobre a desilusão pós-Golpe de 64.

Também em 1962 sai o 11º livro de Vinicius, *Para Viver um Grande Amor*, lançado pela Editora do Autor. Entre os destaques estão a crônica-título e o espirituoso *Olhe Aqui, Mr. Buster*, poema “dedicado a um americano simpático, extrovertido e pobre de rico”, que não entendia como Vinicius, podendo passar mais um ano em Los Angeles, quis voltar à América Latina. A resposta é o próprio poema, que tem no fim o seu ápice: “O Sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha? O Sr. sabe lá o que é ter uma jabuticabeira no quintal? O Sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?”. O time do coração de Vinicius é lembrado em outro poema do livro, *O Anjo das Pernas Tortas*, soneto em homenagem a Mané Garrincha.

1963 – Casa-se com Nelita Abreu Rocha, 19 anos, sua quinta esposa e musa do samba *Minha Namorada* (parceria com Carlos Lyra). Como a moça tinha um namorado e Vinicius ainda não estava oficialmente separado de Lucinha Proença, a saída é uma espécie de rapto: por sugestão de Lyra, o poeta e a moça embarcam para Paris, onde vivem até o ano seguinte, ele como membro da delegação brasileira na Unesco. O artista plástico Emiliano Di Cavalcanti, que costumava pintar retratos das esposas do amigo Vinicius, não se conteve: “Tem certeza de que essa é definitiva?”. Diante do silêncio do interlocutor, finalizou a conversa, cansado: “Está bem! Eu pinto mais essa, mas fique sabendo que é a última!”.

Também neste ano foi lançado o primeiro LP de nosso personagem como cantor: *Vinicius & Odette Lara*, pela recém-criada gravadora Elenco. No repertório estão as primeiras gravações de clássicos da parceria com Baden Powell, como *Berimbau*, *Deixa*, *O Astronauta* e o *Samba da Bênção*. No mesmo ano, sai pela gravadora Copacabana o disco *Elizete Interpreta Vinicius*, no qual predominam parcerias de Vinicius com Baden (entre elas, as inéditas *Consolação*, *Mulher Carioca* e *Canção do Amor Ausente*) e com Moacir Santos (incluindo as inéditas *Se Você Disser Que Sim* e *Triste de Quem*). São também de 1963 as cinco parcerias de Vinicius com Ary Barroso (que só viveria até o ano seguinte), entre elas o *Rancho das Namoradas*.

1964 – No fim do ano, Vinicius se apresenta na boate Zum Zum (Copacabana) com Dorival Caymmi, o Quarteto em Cy e o conjunto de Oscar Castro Neves. Lançado em disco pela gravadora Elenco, o espetáculo – dirigido por Aloysio de Oliveira – teve nova temporada em 1965, sempre com a casa cheia.

1965 – No início da Era dos Festivais, nosso personagem é ao mesmo tempo campeão e vice no I Festival Nacional de Música Popular Brasileira (TV Excelsior), vencido pelo samba *Arrastão* (parceria com Edu Lobo, brilhantemente interpretado por Elis Regina), tendo no segundo lugar a *Valsa do Amor Que Não Vem* (de Vinicius e Baden, defen-

dida por Elizeth Cardoso). A título de curiosidade, *Arrastão* nasceu numa festa na casa dos Caymmi, onde Edu improvisava um contracanto para a terceira parte da *História de Pescadores*, do anfitrião. Guardou a ideia musical e levou para Vinicius, que fez a letra “aos pedacinhos” (segundo Zuza Homem de Mello, em *A Era dos Festivais*), enquanto Edu ia bisando a música no violão.

1966 – A gravadora Forma lança o LP *Os Afro-Sambas de Baden e Vinicius*, interpretado pelos dois artistas com a participação do Quarteto em Cy. No texto da contracapa, nosso personagem explica a proposta daquele novo tipo de samba: “carioquizar, dentro do espírito do samba moderno, o candomblé afro-brasileiro, dando-lhe ao mesmo tempo uma dimensão mais universal”. Nas oito faixas do disco, mesclam-se lançamentos (como *Bocohê* e *Tempo de Amor*) e regravações (casos de *Canto de Ossanha* e *Tristeza e Solidão*).

1968 – Em 25 de fevereiro, morre sua mãe, Lydia. Neste mesmo ano, a editora José Aguilar lança a compilação *Obra Poética de Vinicius de Moraes*, 12º livro de nosso personagem, que seria relançado em edição ampliada no ano de 1998 com o título *Vinicius de Moraes – Poesia Completa e Prosa*. De 1968 também é a primeira parceria de Vinicius com Chico Buarque: a valsa *Gente Humilde*, inicialmente um tema instrumental composto pelo violonista Garoto e lançado em 1955. O poeta faz a letra inteira e entrega ao filho do amigo Sérgio Buarque de Hollanda, que não vê brecha para acrescentar nada e recua. “Põe dois versos a mais nela, que eu te dou parceria”, diz Vinicius, prontamente atendido por Chico, que escreve “Pela varanda flores tristes e baldias / Como a alegria que não tem onde encostar”. Estava inaugurada a parceria, que daria em outros quatro sucessos: *Desalento* (1970), *Valsinha* (1971), *Samba de Orly* (com Toquinho, 1971) e a obra-prima *Olha Maria* (com Tom Jobim, 1971).

1969 – É exonerado do Itamaraty pelo Regime Militar. Casa-se com Cristina Gurjão, 29 anos, sua sexta mulher, com quem tem uma filha (a caçula Maria, de 1970) e o mais curto e conturbado de seus casamentos. Durante a gravidez de Cristina, começa a se relacionar com a atriz baiana Gesse Gessy, 30 anos, que logo se torna sua sétima esposa, com casamento realizado no candomblé, com direito a ritual de pulsos cortados e a “mistura dos sangues”. É a fase mística e *hippie* de nosso personagem, que, com paletó e gravata devidamente aposentados, passa a viver em Salvador e a frequentar o terreiro de Mãe Menininha do Gantois, mãe espiritual da exuberante Gesse. Vivem numa casa de frente para o mar de Itapuã.

1970 – Em junho, Vinicius começa a trabalhar com o violonista e compositor paulistano Antônio Pecci Filho, mais conhecido como Toquinho. O poeta procurava um músico para substituir o violonista Dori Caymmi nos shows que faria na boate La Fusa, em Buenos Aires, ao lado da cantora Maria Creuza. Lembrou-se do jovem instrumentista que, no ano anterior, de passagem pela Itália, gravara o violão do disco *La Vita, Amico, é l'Arte dell'Incontro*, no qual o poeta cantava suas composições em italiano ao lado de Sergio Endrigo e Giuseppe Ungaretti. Telefonou para Toquinho e deixou recado com a mãe do rapaz, que dali a poucos dias embarcava com o poeta no navio Eugenio C rumo à Argentina, aonde chegaram a dois dias da conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira. A temporada foi um sucesso e os dois logo se tornaram grandes amigos.

Mas a primeira parceria Vinicius/Toquinho só viria mesmo em agosto, durante uma temporada no Teatro Castro Alves, em Salvador. Foi no ônibus a caminho da capital baiana que nosso personagem fez a letra sobre uma melodia que o jovem companheiro de turnê (23 anos) havia lhe apresentado no navio para a Argentina, como “uma adaptação de um tema de Albinoni para o samba”. Com versos professorais escritos da altura de seus 56 anos (“Quem já passou por essa vida e não viveu / Pode ser mais,

mas sabe menos do que eu...”), batizou a composição de *Como Dizia o Poeta*. Fariam em seguida os sambas *Tarde em Itapoã* (Toquinho musicando uma letra que Vinicius pretendia entregar a Caymmi) e *A Tonga da Mironga do Kabuletê*, a partir de uma frase em nagô (“songa da mironga do kabuletê”) cujo significado era – segundo Gesse Gessy – “o pelo do cu da mãe”. Baixaria da grossa que, em tempos de censura e truculência, foi uma molecagem saboreada pelos compositores.

É também deste ano de 1970 o 13º livro lançado por Vinicius de Moraes: *A Arca de Noé, Poemas Infantis*, publicado pela editora Sabiá. Pois foi inspirado neste livro que, por sugestão do compositor italiano Sérgio Bardotti, Vinicius lançou neste mesmo ano o LP *L’Arca, Canzoni per Bambini*, com os poemas infantis musicados e vertidos para o idioma local, com colaborações de Luiz Enriquez Bacalov, Sérgio Bardotti, Sérgio Endrigo e Toquinho. A boa vendagem do disco na Itália – onde até então ninguém apostava no êxito comercial de canções infantis – se deve, sobretudo, ao sucesso de *La Casa* (Vinicius e Bardotti), gravada no ano anterior num LP de músicas de Vinicius vertidas para o italiano. A primeira gravação foi de Sérgio Endrigo: “Era una casa molto carina / Senza soffitto / Senza cucina”.

1972 – Vinicius e Toquinho compõem e gravam a trilha sonora da telenovela *Nossa Filha Gabriela*, da TV Tupi. Entre as composições estão alguns sucessos da dupla, como o samba *Sei Lá... A Vida Tem Sempre Razão* e as infantis *A Casa* (ainda na versão em italiano) e *O Pato*, que mais tarde encabeçariam o disco *A Arca de Noé*. O período é marcado também por muitas viagens da dupla pelo país, para participar do circuito universitário de shows. De bata e cabelos grandes, Vinicius é adorado pelos estudantes – em Recife, chega a ser carregado em triunfo pelas ruas da cidade. Na mesma medida, é vigiado pelos censores da ditadura. Nas turnês pelo país e no exterior (especialmente na Itália e em países latino-americanos), Vinicius e Toquinho costumam dividir o palco com alguma cantora – Maria Creuza, Marília Medalha, Maria Bethânia, Clara Nunes e, posteriormente, Joyce.

1974 – Vinicius e Toquinho compõem e gravam a trilha sonora da telenovela *O Bem Amado*, da Rede Globo. Entre os sambas lançados no LP estão os sucessos *No Colo da Serra*, *Paiol de Pólvora* e *Meu Pai Oxalá*. Já o LP *Toquinho & Vinicius*, lançado nesse ano pela Philips, traz outros sucessos da dupla: *Carta ao Tom 74*, *Tudo na Mais Santa Paz*, *Como É Duro Trabalhar* e a marcha-rancho *As Cores de Abril*. O mesmo disco traz a primeira gravação de *Samba pra Vinicius*, homenagem de Toquinho co-assinada por Chico Buarque. Pela Edições Macunaíma, de Salvador, Vinicius publica o livro-poema *História Natural de Pablo Neruda, a Elegia Que Vem de Longe*, dedicado ao amigo falecido no ano anterior. É o 14º de sua obra.

1976 – Compõe, em parceria com Edu Lobo, todas as 12 canções da trilha sonora da peça *Deus Lhe Pague*, lançada neste ano em LP da Odeon. Casa-se com a poetisa argentina Marta Rodrigues Santamaria, 23 anos, sua oitava esposa. “A pequena moça parece uma italiana com seus olhos imensos e a pele muito alva, rosto muito mais belo que o corpo”, descreve José Castello (em *Vinicius de Moraes, o Poeta da Paixão*), que informa que os dois haviam se conhecido no ano anterior, numa temporada em Punta del Este (Uruguai), na qual o poeta se apresentava com a cantora, compositora e violonista Joyce, com quem Marta trocará cartas antes de oficializar sua relação com o poeta.

A fase argentina de Vinicius é marcada pelo lançamento, em Buenos Aires, de seu 15º (e último) livro, *Un Signo, una Mujer*, com 12 poemas que interpretam o temperamento das mulheres de acordo com os signos do zodíaco – o livro só seria lançado no Brasil em 1980, com o título *A Mulher e o Signo*, pela Rocco. É também marcado por inúmeros shows, em Buenos Aires e outras cidades argentinas. Durante a temporada

na capital portenha, uma nota trágica: o pianista Tenório Júnior, que participava do conjunto do show, saiu do hotel para comprar cigarros e remédios e nunca mais apareceu. Acabou capturado pela polícia argentina (18 de março de 1976), que, suspeitando de seu visual *hippie*, o levou para a Escola Mecânica da Armada. A explicação de que era músico e acompanhava Vinicius de Moraes não adiantou. Nunca mais foi encontrado.

1977 – A partir de 5 de outubro, apresenta-se com Tom Jobim, Toquinho e Miúcha em temporada histórica no Canecão. Até a última noite (8 de abril de 1978), foram 90 apresentações do show que teve direção de Aloysio de Oliveira e virou um famoso LP da Som Livre: *Tom, Vinicius, Toquinho, Miúcha – Gravado Ao Vivo no Canecão*.

1978 – Casa-se com Gilda de Queirós Mattoso, com quem nosso poeta encerra um ciclo de nove casamentos. Os dois começam a namorar durante uma turnê internacional de nosso personagem, que confessa seu amor em Paris, oficializa a relação em Londres e a fissa para uma lua de mel relâmpago em Nova York. A produtora (depois assessora de imprensa) niteroiense, de 25 anos, será o amparo de Vinicius na fase mais aguda de sua velhice precoce: está diabético, proibido de beber (o que não significa que tenha largado o uísque) e passa a ter crises constantes de confusão mental – não reconhecendo velhos amigos, se esquecendo de onde está e se dirigindo à esposa como se fosse uma das anteriores.

1979 – Voltando de uma viagem de lazer à Europa, em outubro, sofre um acidente vascular cerebral em pleno avião. O voo é um pesadelo para Gilda, que passa a viagem tentando conter a agitação e as alucinações do marido. Em abril do ano seguinte, um segundo AVC leva nosso personagem à sala de cirurgia da Casa de Saúde São José, em Botafogo, onde o Dr. Paulo Niemeyer instala um dreno no cérebro do poeta para aliviar a hidrocefalia diagnosticada pouco antes.

1980 – Na manhã de 9 de julho, Vinicius de Moraes morre em casa, na Rua Frederico Eyer, Gávea. Estava na banheira, onde havia passado a madrugada, depois de dedicar a noite aos últimos acertos com Toquinho – que estava instalado no quarto de hóspedes – nas composições do disco *A Arca de Noé*, no qual os dois vinham trabalhando exaustivamente para lançar no Brasil. Gilda, Toquinho e a empregada Rosinha testemunham, no banheiro, a última crise convulsiva do poeta (forte tremedeira com respiração acelerada) e tentam, em vão, reanimá-lo. Vinicius de Moraes é sepultado no mesmo dia, no Cemitério São João Batista, em Botafogo.

Em outubro, chega às lojas o LP *A Arca de Noé*, pela gravadora Polygram, trazendo canções de Vinicius destinadas ao público infantil. A maior parte delas é assinada com Toquinho – entre elas *A Foca*, *Aula de Piano*, *A Arca de Noé* (com Ernst Nahle) e *O Pato* (com Paulo Soledade). Há também músicas sem parceiro (*A Casa* e *A Pulga*) e composições dos anos 50 feitas com Paulo Soledade (como *O Relógio* e *São Francisco*). Segundo o produtor do disco, Fernando Faro, foi o próprio Vinicius quem escolheu o elenco de intérpretes do disco: Elis Regina (*Corujinha*), Ney Matogrosso (*São Francisco*), MPB-4 (*O Pato*), Boca Livre (*A Casa*), As Frenéticas (*Aula de Piano*), Milton Nascimento (*A Arca de Noé*), Fábio Júnior (*A Porta*), Alceu Valença (*A Foca*), Moraes Moreira (*As Abelhas*) e a menina Bebel Gilberto (*A Pulga*), entre outros.

Tornando-se um clássico infantil, o disco se desdobra num segundo volume em 1981: *A Arca de Noé 2*, que traz outros exemplares da mesma fornada do poeta, como *O Leão* (gravado por Fagner, autor da música), *O Pintinho* (parceria com Toquinho, Bardotti, Gilda Mattoso e Pipo Caruso, gravado pelas Frenéticas), *O Porquinho* (parceria com Toquinho, por Grande Othelo), *O Peru* (com Toquinho e Paulo Soledade, por Elba Ramalho), *Galinha d'Angola* (Ney Matogrosso), *A Cachorrinha* (por Tom Jobim, par-

ceiro na composição) e a belíssima canção de ninar *O Filho Que Eu Quero Ter* (com Toquinho, por Paulinho da Viola). Resultou também num programa de TV realizado pela Rede Globo, intitulado *Vinicius para Crianças*, que venceu, em 1981, a categoria popular do Emmy – maior prêmio da televisão americana.

1981 – No ano seguinte ao falecimento, são lançados dois discos em sua homenagem: um por Baden Powell (*De Baden para Vinicius*, pela WEA, gravado ao vivo em agosto de 1980 no Teatro Clara Nunes) e outro pelo baterista Milton Banana (*Ao Meu Amigo Vinicius, Samba É Isso*, pela RCA). A Rua Montenegro, em Ipanema, passa a se chamar Vinicius de Moraes.

1983 – No ano em que Vinicius completaria 70 anos, o último grande sucesso do poeta é um lançamento póstumo: a canção *Aquarela*, com música de Toquinho, Guido Morra e Maurizio Fabrizio feita sobre um poema de sua autoria. O sucesso da música é turbinado por um comercial de TV dos lápis de cor Faber Castell, veiculado neste mesmo ano, usando *Aquarela* como jingle.

1988 – Nos 75 anos do nascimento do poeta, a cantora e compositora Joyce Moreno lança o disco *Vinicius de Moraes, Negro Demais no Coração* (SBK Songs/CBS).

1993 – Em comemoração aos 80 anos de nascimento do poeta, o Quarteto em Cy lança o CD *Vinicius em Cy* (pelo selo CID) e a gravadora Lumiar lança o álbum triplo *Songbook Vinicius de Moraes*, com 50 regravações de composições de nosso personagem.

1994 – São lançadas duas biografias de Vinicius de Moraes: uma pela Companhia das Letras (*Vinicius de Moraes, o Poeta da Paixão*, de José Castello) e outra pela Saraiva (*Vinicius Sem Ponto Final*, de José Carlos Pecci, irmão de Toquinho).

1999 – Sai pela gravadora BMG o CD duplo *Vivendo Vinicius ao Vivo*, com a gravação do show realizado em homenagem aos 85 anos de nascimento do poeta (outubro de 1998), no Teatro João Caetano, reunindo os parceiros Baden Powell, Carlos Lyra e Toquinho, mais a cantora Miúcha.

2003 – Em homenagem aos 90 anos do nascimento de nosso personagem, a gravadora Biscoito Fino lança o CD *Miúcha Canta Vinicius & Vinicius*, com 14 composições do poeta sem parceiro – entre elas, *Valsa de Eurídice*, *Serenata do Adeus*, *Medo de Amar* e *Pela Luz dos Olhos Teus*.

2006 – O documentário *Vinicius*, de Miguel Faria Jr., relembra nosso personagem por meio de depoimentos (Carlos Lyra, Toquinho, Chico Buarque, Edu Lobo, Antônio Cândido e outros), poemas (interpretados por Camila Morgado e Ricardo Blat) e números musicais (de Renato Braz, Monica Salmaso, Yamandú Costa, Mart'nália e outros).

* Pedro Paulo Malta é músico, jornalista e pesquisador de música popular brasileira. Foi consultor da série *Pequenos Notáveis*, produzida pela MultiRio, que mostra a vida e a obra de grandes compositores brasileiros a fim de inspirar crianças de 9 a 14 anos a descobrir suas aptidões.